

## Homenagem a José Mariano Gago organizada pelo IST e pela AEIST

Cumprimento todos os presentes nesta homenagem a José Mariano Gago

Estudantes, Professores, técnicos, outros funcionários, amigos. Quem na sua vida tem alguma marca que lhe deixou o Zé Mariano.

Queria começar por deixar aqui um largo agradecimento ao IST e à sua Associação de Estudantes

Por me terem convidado para este meritório encontro

Mas mais

Pela responsabilidade que têm na minha formação ao longo da vida.

O Mariano Gago deixaria também aqui este agradecimento. E já explico por quê.

Por essa razão, no momento de homenagem que lhe é destinado, não poderia deixar de fazer um agradecimento mais largo a este contexto que nos formou que é/foi a Associação de Estudantes do Técnico.

Entre os vários méritos que podemos atribuir ao Mariano Gago encontramos o seu projeto social de aprender, de fazer os outros aprenderem, de lutar pelo direito às aprendizagens de todos.

Quando a educação, historicamente, passou a dar maior atenção à cidadania, à formação global do indivíduo que lhe permitia a autonomia social, a emancipação, chamou-se-lhe Educação Permanente (anos 40) e quando, (anos 90) se percebeu a importância desta formação, para o desenvolvimento económico, chamou-se-lhe de Educação ao Longo da Vida, inserindo aqui aprendizagens normalmente desenvolvidas fora da escola, noutros contextos.

Pierre Furter – desculpem, este acabou por ser o meu domínio de formação académica! - chamou a esses contextos Espaços de Formação. E gostaria aqui de referir como a

AEIST foi um Espaço de Formação insubstituível para o Mariano Gago, com o Mariano Gago, para muitos estudantes e... para mim.

Algures o Zé Mariano fala da importância do movimento dos estudantes, no período obscurantista anterior ao 25 de Abril, na difusão da informação que os meios de comunicação social não passavam, sobretudo para outros grupos sociais fora das universidades. Para os meios populares, para o próprio movimento operário. Aceder a conhecimento sobre as próprias lutas. E uma preocupação da Associação de estudantes do IST, liderada pelo Zé Mariano, era descobrir meios de chegar a esses grupos sociais.

Um dos caminhos, que refere na sua entrevista, foi o do apoio ao Ensino Médio. Como sabem, nesse tempo havia os liceus e as Escola Técnicas onde, após os alunos fazerem o equivalente ao atual 9º ano, para continuarem a estudar, iam para os Institutos Comercial ou Industrial, de onde poderiam ter acesso à Universidade. Os alunos que vinham por esta via eram normalmente provenientes de meios mais pobres, muitos de meios operários.

Estes Institutos do Ensino Médio, participavam também nas lutas estudantis, mas aí a repressão era feroz. Se se poderia permitir alguma abertura nas Universidades, já praticamente dirigidas pelos grupos ditos mais liberais do regime – estou a falar do princípio dos anos 70, finais dos 60 – o mesmo não se passava no Ensino Médio onde os ultras do regime dominavam e não queriam, de modo nenhum, contaminação dos universitários. A polícia entrava nos Institutos. A polícia fardada, esteve presente em aulas em momentos de luta.

Valeu-nos o movimento estudantil universitário, com grande hegemonia dos estudantes do IST.

Eu digo, valeu-nos, porque eu era então estudante do Instituto Comercial e usufruía avidamente, da formação que no Técnico se difundia. Atravessava Lisboa para vir almoçar a esta Associação, não só porque a Sonora era uma rádio que transmitia notícias de todo o mundo a que não tínhamos outro acesso, explicando-as, mas também porque aprendia em muitos mais domínios culturais e do dia-a-dia. Lembro-me que na cantina além de se comerem coisas que não era hábito ter no meu meio social – lem-

bro-me dos iogurtes, por exemplo – se davam indicações do tipo “não comas dois produtos lácteos” recomendação que ainda hoje sigo.

Para além de determinadas práticas sociais e discursos. Lembro-me, no 4º Seminário de Estudos Associativos realizado na piscina da AEIST, em que me espantei porque havia mulheres que pediam a palavra e falavam e até havia uma, a Paula Fonseca que presidia a uma mesa! E a quantidade de palavras novas que ouvi pela primeira vez – *repressão, solidariedade, conspiratório* e mesmo *moção, ponto de ordem* para além de todo o vocabulário referente à votação... Em Portugal então não se votava...

Claro que a AEIST nos apoiava com a impressão de comunicados, com o apoio na feitura de cartazes, etc. e foi assim que eu vim parar à RIA (Reunião Inter Associações) enquanto representante do Instituto Comercial.

Aí conheci o Mariano Gago – ficámos praticamente 10 anos juntos – e aprendi muito do que hoje posso chamar de prática (e malandrice) política. O Zé liderava a RIA e não é necessário relembrar a riqueza das análises que fazia para fundamentar as tomadas de decisões que propunha.

Seguidamente, após ser expulsa do Comercial (não podia lá entrar!), com o Zé Mariano, desenvolvi mais a luta política, sobretudo contra a guerra colonial, levando a mensagem para os companheiros do bairro onde vivia em Lisboa.

O Mariano Gago vai então fazer o Doutoramento para Paris e, numas férias, quando vem a Portugal, tem conhecimento que alguns colegas seus da Associação de Estudantes são presos. Foi primeiro para uma casa que tínhamos alugado sem ninguém conhecer perto da Ericeira e, depois de saber que a polícia fora mesmo a sua casa procurá-lo, procedemos aos preparativos para passar a fronteira a salto. Ao contrário do Partido Comunista que tinha uma organização sólida, um aparelho para efetuar estas passagens, nós, não tínhamos nada. Foi preciso estudar tudo: o local onde iríamos passar – foi à volta das fronteiras de Vila Verde de Ficalho (em Portugal) e Rosal de la Frontera (em Espanha). Uma colega do Técnico deixou-nos a uns quilómetros da fronteira portuguesa, andámos pelo interior a corta mato, primeiro 5 km perpendicularmente à estrada, depois, mais uns 10 paralelamente e depois, de novo 5 na perpendicular até

apanharmos de novo a estrada, já em Espanha, onde, na manhã seguinte uma colega nos agarrou.

Mas, para tal, foi necessário estudar cada detalhe num mapa local da região (escala de 1/50 000), a forma como contar os Km, a orientação pela bússola... Tudo isto a fazer numa noite de lua nova – para os guardas terem menos hipóteses de nos verem e... num dia 4 de outubro, véspera de feriado, para a polícia estar mais preocupada com a prevenção.

Bom. Acredito que não foi preparada uma chuva torrencial durante toda a noite, as 12 horas que levámos a chegar ao outro lado. Mas não foi fácil... perca dos óculos, esconder dos javalis, estrada em obras... noutra ocasião poderei contar pormenores... Tivemos depois de passar para França mas aí a estratégia, inteligente, foi mais simples.

Só gostaria de falar um pouco sobre uma faceta da vida do Mariano Gago, pouca conhecida neste meio.

A vontade de continuar a colaborar nas aprendizagens das pessoas sobretudo dos que menos acesso tiveram à educação.

Já depois do 25 de abril, em Paris, um jovem trabalhador emigrante, queixou-se de não haver forma da malta portuguesa continuar a estudar. Haveria uns explicadores que levavam muito dinheiro mas não achavam nada sério o que aprendiam. Cheguei a casa e contei isto. O Zé Mariano: “A culpa é nossa. Nossa? Perguntei. Sim. Porque não fazemos nada”. Então vamos fazer!

E fizemos: com uns amigos e nas caves da Casa de Portugal na Cidade Universitária. Criámos um coletivo onde se ensinava e, no meu entender, se aprendia muito. O equivalente ao nosso 9º ano de escolaridade. Primeiro pegámos nos programas – que entretanto já não estavam em vigor – mas trabalhámo-los de outra maneira, depois decidimos perguntar o que queriam saber e organizámos sessões, onde se cruzassem as várias disciplinas sobre uma fábrica têxtil porque uma participante era do comité da empresa e queria perceber tudo o que lá se passava. (está publicado)

O Mariano Gago também leu muita coisa de experiências pedagógicas, na altura e acabou, por ser reconhecido pela UNESCO como especialista de Educação Permanente (tb há publicações). Depois, quando fomos para o CERN, para Genève, continuámos o mesmo trabalho na Université Ouvrière de Genève com trabalhadores emigrantes, sobretudo ali da Zona de Martinchel (Castelo do Bode). Vinham para aprender francês – como o Zé Mariano diz no livro *Homens e Ofícios* mas juntávamo-nos outro dia por semana “para aprender outras coisas” como por exemplo o funcionamento de uma barragem, o dínamo da bicicleta, os moinhos de maré... e outros saberes à volta, de tal modo questionado pelos participantes, que me lembro de uma vez que se foi andando de pergunta em pergunta e ele acabou dizendo “isso não se sabe ainda, é o que andamos a estudar no CERN”. Saber depois o que é ciência, o que é investigação... Praticamente todos os filhos destes emigrantes se licenciaram tendo alguns feito mesmo doutoramento.

De volta a Portugal, o Diretor-Geral da Educação permanente teve oportunidade de lhe pedir algumas colaborações e mesmo, com a Karin Wall se terem feito os primeiros estudos de natureza sociológica sobre a Educação Permanente em Portugal.

Mas não tenho mais tempo para falar sobre esta sua perspetiva educativa também direcionada para a educação das crianças. Aquilo que lhe conhecemos nos Centros *Ciência Viva*, trazido para a necessidade de tateamento experimental em todas as áreas de saber referindo-se sobretudo aos primeiros anos de escolaridade. Ficará para outros contextos. Pena é que o Mariano Gago não possa já contribuir de viva voz para o debate sobre as grandes necessidades de mudança na escola atual.

Obrigada à Associação de Estudantes do Técnico e ao IST. Obrigada ao José Mariano Gago.

Lx, IST, 2 novembro 2017, Lucília Salgado

luciliasalgado@gmail.com

